

JAZZ

2 DEZEMBRO 2015

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

JOE MORRIS QUARTET

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Qua 2 de dezembro
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M6

Guitarra Joe Morris
Viola Mat Maneri
Contrabaixo Chris Lightcap
Bateria Gerald Cleaver

Mudar, mudar sempre

O nome Joe Morris Quartet tem surgido no percurso do guitarrista norte-americano algumas vezes e com músicos diferentes a intervir, mas é imediatamente conotado com a formação da década de 1990 que contribuiu para o estabelecimento da cena *downtown* de Nova Iorque – fator curioso, tendo em conta que Morris está ligado ao circuito de Boston. É, de qualquer modo, certo

que nos quatro discos lançados pelo Joe Morris Quartet original as fichas técnicas foram-se modificando até sedimentarem no grupo constituído com Mat Maneri, Chris Lightcap e Gerald Cleaver.

Em *You Be Me*, de 1997, estava lá Maneri, ainda em violino, mas os outros eram Nate McBride e Curt Newton, os parceiros de Morris no trio de *Symbolic Gesture*. Em *A Cloud of Black Birds*, do ano seguinte, já surge Lightcap no contrabaixo, mudando a bateria para as mãos de Jerome Deupree. Com a chegada de Cleaver, os quatro músicos estão finalmente reunidos em *Underthru*, de 1999 (com Maneri a surgir em violino barítono), e no último título desta fase, *At the Old Office*, de 2000, por sinal editado pela *label* que no período representou o “estilo” nascido na baixa da Big Apple, a Knitting

Factory. Com Mat Maneri a estrear o instrumento a que até agora tem dado exclusiva atenção, a viola.

Nesse mesmo ano, deu-se o projeto por findo. Não porque tivesse falhado os seus objetivos (antes pelo contrário: foi um enorme sucesso) ou porque houvesse algum desentendimento entre os membros, mas porque Joe Morris não aceitou ser identificado com aquele que era apenas um dos seus muitos investimentos musicais. Esse fator contrariava toda a sua filosofia musical e até de vida: não cristalizar, mudar sempre, evoluir. Foi precisamente a fama criada pelo quarteto que o vitimou: os clubes, os festivais e as editoras queriam que as fórmulas propostas pelo grupo fossem fixadas e repetidas. Todos os quatro acharam que essa era uma «ideia terrível» e Morris foi perentório: «Uma só abordagem, uma estética, uma maneira de organizar a minha música não é suficiente para mim.»

E no entanto, eis que o Joe Morris Quartet está de volta. Os quatro músicos voltaram a juntar-se para gravar *Balance*, publicado este ano. Não para comemorar, reproduzindo, o que fez antes, justificação da generalidade deste tipo de “regressos” – e incontáveis são os que vão acontecendo –, mas para tocar aquela música de maneira diferente, avançando mais longe nas suas implicações ou escolhendo outras trajetórias. Essa foi a condicionante para a saída deste álbum e é a que explicará a continuação da banda enquanto puder gerir novos desenvolvimentos.

É assim que *Balance* chega como o terceiro tomo de uma série que versa a

influência das artes visuais na música, os outros, *Colorfield* e *Camera*, tendo sido registados por agrupamentos, e conteúdos musicais, bastante distintos. Mas no que consiste “aquela música”, tal como se referiu umas linhas acima? A crítica especializada detetou agora «sombrias de Ornette Coleman e abstrações de África, da Índia e dos Apalaches». Quanto a isso, nada de inédito no rumo de Joe Morris. Já antes tal se fazia sentir, e tanto no quarteto como na restante atividade do músico. O certo é que cada um dos cinco discos plasmou essas referências de formas diversificadas, ora «esticando e dobrando» os elementos em presença «sem nunca os quebrar», que foi o que se escreveu sobre *You Be Me*, dando-lhes uma dimensão *swingante* (*A Cloud of Black Birds*), configurando-os «mais serenamente e com espaços» (*Underthru*), expondo a estrutura geral (*At the Old Office*) e «levando a música para territórios nunca antes atravessados» (*Balance*).

Ao longo destas obras a fórmula Joe Morris Quartet foi-se, portanto, alterando: tocou ora peças com matriz no bebop, ora baladas, ora algo de muito próximo do jazz de câmara, ora improvisações sem cifras nem mote. Muitas vezes contrastando até conteúdos mais abstratos com molduras formais explícitas, integrando influências tão díspares quanto os *blues* rurais de Lightning Hopkins, os *impromptus* pianísticos de Cecil Taylor ou a elegância da música erudita contemporânea. Mesmo nos seus hábitos auditivos Morris nunca se prendeu a uma só linha: entre as

suas preferências estão os Beatles, Jimi Hendrix, Johnny Winter, Allman Brothers, Miles Davis, Charles Ives, Duke Ellington, Olivier Messiaen, Blind Lemon Jefferson. «Procuerei sempre coisas que me mantivessem interessado e me surpreendessem. Descobrir a música para cordas de África colou tudo na minha cabeça», teve já ocasião de comentar.

Tudo isso vem passando pelo crivo dos três processos que, como anunciou no livro *Perpetual Frontier: The Properties of Free Music*, caracterizam a criação de música livre: síntese, interpretação e invenção. «Síntese dos materiais existentes, interpretação destes e de novos materiais deles derivados e, finalmente, invenção de criações inéditas que possam depois também ser sintetizadas e interpretadas.» O seu conceito de “fronteira perpétua” é essencial para compreender o modo de estar na música de Joe Morris: contra o propósito de «duplicar o que já existe», defende que se deve continuamente levar esse património para «um nível mais elevado de inventividade». Dá mesmo um exemplo: «A livre-improvisação europeia tem uma metodologia própria, e nesse aspeto faz o que também fez Ornette Coleman. Com outros parâmetros e outros materiais, pelo que a construção é diferente, com resultados também diferentes. A intenção, o princípio criativo, esses são semelhantes.»

Uma música livre, para Morris, é aquela que não aceita seguir um caminho previamente determinado, rebelando-se contra todas as ortodoxias

e contra uma ideia linear de prosseguimento da tradição. E isso, está ele consciente, implica que se desagrade a alguém. «Se não incomodar algumas pessoas é porque não conduz a lado nenhum», sustenta. Ora, é o facto de acreditar nesta visão expansiva da criatividade que leva o guitarrista e, em ocasiões, contra-baixista, a fazer questão de nunca se repetir. Morris tem a consciência de que dispensar temas e estruturas, como é prática da música totalmente improvisada, pode ser uma via demasiado estreita quanto a parâmetros inventivos. Daí a sua opção, regra geral, por cruzar elementos livres e elementos estruturados em plurais combinatórias, de modo a que se suportem mutuamente.

Mas porque fala Joe Morris em *free music* e não em *free jazz*, dado que o seu trabalho se insere no legado jazzístico das associações de composição e espontaneidade? Afinal, ele já o admitira com toda a clareza: «Adotei esse modelo e tento lidar com as influências dos grandes músicos de jazz, procurando exprimi-las com a minha voz. A maneira de tocar que eu tenho é uma versão sincera do significado desse género musical, mas em vez de estudar os estilos dos guitarristas de jazz, estudei as estéticas dos mais originais entre eles e desenvolvi a minha própria percepção do que me sugeriam.»

Por uma questão evolutiva... «Penso que o jazz, enquanto indústria, enquanto metodologia patenteada, está feito. O jazz tem um código: “Isso não é jazz; o jazz é isto.” Chegámos ao ponto em que alguém, Wynton Marsalis,

veio dizer-nos o que é o jazz, assim o matando, embalsamando e colocando atrás de uma vitrina. Eu não quero ter nada a ver com isso. Não estou à procura de um fim nem de uma definição, mas da fronteira perpétua. Já não chamo ao que faço “jazz” porque não quero ver a minha música definida e parada no tempo. Prefiro chamar-lhe música livre. Não me interessa saber se o jazz sobrevive ou não. Para mim, Louis Armstrong era um músico livre, Charlie Parker era um músico livre, Anthony Braxton é um músico livre. O Parker não quer saber se tocamos como ele ou não, pois está morto. De resto, se estivesse vivo não tenho dúvidas de que exigiria que não o copiassem: “Deixem-me sossegado, façam a vossa própria música.”»

Morris reage, pois, muito mal à pressão que se faz sentir nos meios do jazz para «finalizar um estilo» e mantê-lo incólume até ao último suspiro do seu autor, que era o que se pretendia para o Joe Morris Quartet. «Essa é uma armadilha terrível. A arte consiste em mudança e evolução. Trabalhei durante muito tempo para ter um determinado estilo, mas quando este começou a ser reconhecido senti a necessidade de me virar para outra coisa. Disseram-me que era aquilo que o público queria, mas isso não me preocupa – sou músico, não um comerciante. Tenho menos concertos, vendo menos discos e já não andam todos a jurar que sou o melhor guitarrista do mundo, mas a minha música melhorou», desabafou.

Em suma, Morris preferiu a incerteza («muito poderosa ferramenta operativa») e o desconhecido («porque

me coloco numa posição em que tenho de aprender algo») e com a recuperação deste grupo simbólico de uma época o que faz é levar o que é certo e o que se conhece para desfechos imprevisíveis. O que não é o mesmo que romper com o passado para começar de novo, e isso significa que este concerto, não se esperando igual ao que se ouve no CD lançado em 2015, será uma sua consequência. Numa articulação de causa e efeito por vezes o efeito não o é propriamente, mas uma explicação da causa. E o que se explica neste caso? Que há muito ainda por fazer, justificando que a música deixe de andar aos círculos, querendo abocanhar a sua própria cauda.

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Joe Morris

guitarra

Nascido em New Haven, Connecticut, e um autodidata da guitarra, do banjo e do contrabaixo, Joe Morris é o mais significativo guitarrista conotado com o *free jazz* desde a morte de Sonny Sharrock. O seu interesse pela música surgiu por influência de Jimi Hendrix e John Coltrane, mas o seu estilo muito próprio deriva da admiração pelas tradições africanas relativas a instrumentos de cordas e pelos universos idiossincráticos de Cecil Taylor, Eric Dolphy e Leroy Jenkins. Ao longo do seu trajeto colaborou com figuras de primeiro plano como Matthew Shipp, William Parker, David S. Ware, Joe McPhee e Andrew Cyrille.

Mat Maneri

viola

Filho do visionário Joe Maneri, o saxofonista e clarinetista que cruzou o jazz com o dodecafonismo, Mat Maneri é apontado como um dos mais importantes violinistas e violetistas dos circuitos internacionais da improvisação. Foi iniciado pelo seu pai e completou os estudos no New England Conservatory of Music. Pertenceu à Electric Bebop Band de Paul Motian, colaborou em vários contextos com Tim Berne e tem surgido com a mais variada das companhias, de Mark Dresser a Ben Monder, passando por elementos dos Bad Plus e por Tony Malaby.

Chris Lightcap

contrabaixo

Natural de Latrobe, na Pensilvânia, e com formação realizada no Williams College, onde teve como mestres Milt Hinton, Cameron Brown e Bill Dixon, Chris Lightcap tem-se movido com igual à-vontade nos domínios do *mainstream* e da vanguarda, tanto tocando com Regina Carter, Paquito D'Rivera e John Scofield como com Anthony Braxton, Marc Ribot e Craig Taborn. O seu grupo Bigmouth tem sido louvado pela unanimidade da crítica.

Gerald Cleaver

bateria

Originário de Detroit, Michigan, e filho de baterista (John Cleaver Jr.), Gerald Cleaver depressa impôs o seu nome como um dos incontornáveis das baquetas na actualidade. Formado na University of Michigan e pupilo do histórico Victor Lewis, tem sido chamado pelos maiores, como Roscoe Mitchell e Henry Threadgill, e por músicos tão distintos quanto Marcus Belgrave, David Torn e Reid Anderson. O seu grupo Farmers By Nature foi recebido como uma lufada de ar fresco na cena do jazz.

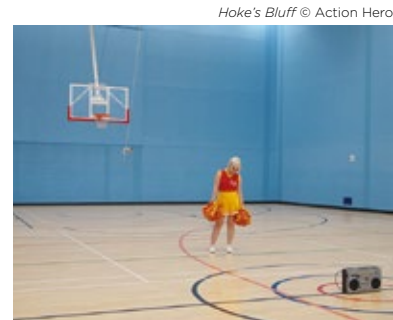
Próximo espetáculo

Hoke's Bluff Slap Talk

Dois espetáculos de Action Hero

Teatro Qua 2, qui 3, sex 4 de dezembro
Sáb 5 de dezembro · M12

Os Action Hero levam o jogo a sério. Em *Hoke's Bluff*, como num filme de liceu, tudo depende deste lançamento livre. Desta jogada em superioridade numérica. Destes últimos segundos. Nas seis horas de *Slap Talk* bombardeiam-nos com a violência da conversa de amantes, de um canal de vendas ou de um pregador apocalíptico.



Próximo espetáculo de música

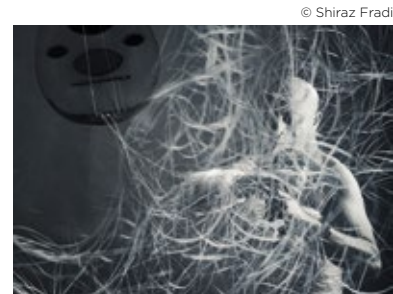
Dhafer Youssef

Birds Requiem

Música Sex 11 de dezembro
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M6

“Voamos então absorvendo maravilhados esta música que não é obscura nem complicada, antes luminosa por estar desligada do que é terreno.”
Les Inrockuptibles, 29.10.13

Mais informações em www.culturgest.pt



Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Carlota Carmo

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo